



## “Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

**Eixo temático:** Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos, raça/etnia, sexualidades

**Sub-eixo:** Relações étnico-raciais, povos indígenas, negros/as, quilombolas, ribeirinhos e desigualdades

### **RACISMO:** a quem interessa pensar que foi diferente no futebol?

ROBERTA PEREIRA DA SILVA <sup>1</sup>  
MARINA DE MATTOS DANTAS <sup>2</sup>  
BÁRBARA GONÇALVES MENDES <sup>3</sup>

#### **Resumo**

Este artigo é parte dos resultados obtidos a partir dos estudos realizados pela equipe de pesquisadoras, que desenvolvem tanto pesquisas no âmbito stricto sensu, como nas atividades de formação e militância na área do esporte e racismo. O futebol não é uma atividade abstrata acima da realidade, ela é produzida por homens e mulheres vivos e ativos e se desenvolve no cotidiano por isso está permeada das determinações e opressões presentes entre elas o racismo, tanto institucional como individual, e o quanto as produções acadêmicas têm reproduzido o racismo tanto nas análises como na ausência de estudos sobre o tema.

**Palavras Chaves:** Racismo – Futebol – Produção Acadêmica

#### **Resumen**

Este artículo es parte de los resultados obtenidos a partir de los estudios hechos por el equipo de expertas, que desarrollan investigaciones en ámbito stricto censo, como las acciones de formación y militancia en el área de deporte y racismo. El fútbol no es una actividad abstracta más allá de la realidad, es producida por hombres y mujeres vivos y activos y se produce en el cotidiano por eso se involucran

---

1 Estudante de Pós-Graduação. Pontifícia Universidade Católica

2 Professor com formação outra áreas. Universidade Federal Do Piauí

3 Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal De Minas Gerais

determinaciones y opresiones presentes entre ellas el racismo, tanto institucional como individual, y cuánto las producciones académicas han reproducido el racismo tanto en el análisis como en la falta de estudios sobre el tema.

**Palabras Claves:** Racismo - Fútbol – Producción Académica

## INTRODUÇÃO

*Temos que aprender a desaprender” (Mignolo,2018 )*

Desaprender pode soar estranho, mas talvez seja um dos desejos deste artigo. Se há tempos o futebol está presente no debate acadêmico e desde meados dos anos 40 se discute a presença do negro no futebol, por que então, abordar a temática racismo no futebol? A resposta certamente não será esgotada totalmente nas linhas que seguem, porém pretendemos ao menos lançar a bola em direção a partida e não necessariamente ao gol. Embora seja uma discussão bastante evocada no meio do futebol atualmente, alguns pontos centrais necessitam ser aprofundados e/ou (re)pensados a partir de uma maior diversidade de referências.

Ou, como diz Mignolo (2008), precisamos *desaprender*, pois perguntas respondidas em outras épocas talvez já não contemplem ou não conversem com pessoas que protagonizam essa história. Melhor dizendo, elas foram elaboradas a partir de uma perspectiva que atende à lógica colonial e mais reforça estereótipos do que rompe-explica-combate ao racismo.

É certo que os números de casos de racismo no futebol repercutidos na mídia vêm apresentando uma crescente vertiginosa (CARVALHO, SILVEIRA 2019) e os estudos acadêmicos sobre a temática, embora também produzidos e defendidos em número crescente, ainda são poucos<sup>4</sup>. Entre 1996 e 2016 foram realizados 14 estudos que têm o racismo como questão central<sup>5</sup>, entre 959 teses e dissertações defendidas no Brasil sobre futebol na área das Ciências Humanas e Sociais. Há uma

---

4 O primeiro e até então único grupo de pesquisa registrado e ativo no Diretório de Grupos do CNPq dedicado a temática é o Núcleo de Pesquisa-Ação do Esporte e Relações Étnico-Raciais (NUPAERER), da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), formalizado em 2016.

concentração de estudos históricos no período até os anos 1970, dos quais poucos levam em consideração as fontes orais de pessoas negras (TONINI, 2020).

Alguns outros estudos anunciam a presença de práticas racistas na constituição de uma identidade nacional, da formação de jogadores e de uma história mais genérica do futebol, todavia não podemos precisar o quanto se valem do quesito raça – cor nas suas discussões. Podemos dizer, pois, que as análises aprofundadas disponíveis sobre o tema ainda são incipientes e, muitas vezes, construídas sob bases teóricas que reforçam a visão racista e de colonialidade. Nas palavras de Clóvis Moura (1983): “Os estudos sobre o negro brasileiro, nos seus diversos aspectos, têm sido mediados por preconceitos acadêmicos, de um lado, comprometidos com uma pretensa imparcialidade científica, e, de outro, por uma ideologia racista racionalizada”.

É urgente repensar a forma de produzir ciência colonizada, que apresenta como centro a Europa e que inviabiliza e hierarquiza as demais produções culturais, históricas, além de subjugar os povos colonizados. Apesar da vasta produção de homens e mulheres negras(os) sobre a formação do Brasil e as formas como se operam o racismo, é comum que estes sejam pouco ou sequer citados quando se aborda a questão étnico-racial no futebol.

Neste sentido, nos parece que ainda há um vasto campo de estudos a ser produzido, cruciais na compreensão da lógica racista que funda o futebol. O racismo teve fim com o acesso de homens negros nos times mais visíveis nos meios de comunicação de massa? A consagração de Garrincha, Pelé e outros abriu caminhos para a humanização do jogador negro? Por que os casos de racismo no futebol não só seguem acontecendo, como vêm aumentando? Por que a história da mulher negra no futebol é pouco encontrada em jornais e na produção científica? Por que os postos de trabalho de liderança (técnicos, dirigentes, coordenadores, presidentes), jornalistas, profissionais de saúde, entre outros não são, ou pouco são ocupados por pessoas negras? Por que pouco falamos sobre branquitude no futebol?

Essas são algumas das várias perguntas ainda não respondidas pelos estudos que se propõem a pensar o contexto futebolístico. E, falar dessas problemáticas passa, necessariamente, por entender a forma como o processo de colonização e, com ele,

---

5 A saber: 10 dissertações e 4 teses, escritas por 9 homens e 5 mulheres. Algumas delas integrarão o time que escreverá os textos desta série, em meio a outras pessoas que também se dedicam ou têm algo a dizer sobre o racismo no futebol. Dados da pesquisa **Levantamento e Análise da produção do Futebol: desenvolvimento e perspectivas do futebol como objeto e campo de pesquisa**, realizada pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG). Para as análises mais panorâmicas da produção geral, ver: SOUZA, Adriano Lopes de; ALVES, Alexandre Francisco; ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula; SILVA, Indiamara Bárbara da; NICÁCIO, Luiz Gustavo; DANTAS, Marina de Mattos; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; SANTANA, Thiago José Silva; SILVA, Silvio Ricardo da. Levantamento e análise do desenvolvimento da produção e do estudo sobre futebol 1980 – 2016. In: COUTO, Ana Cláudia Porfírio; SILVA, Luciano Pereira da; ROQUE, Camile Evelin; ALVES, Glauce Teixeira (orgs.). Políticas públicas de esporte e lazer: Centro MG da Rede CEDES. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2019.

a racialização dos corpos, deu bases para o racismo no futebol. Vale destacar, entretanto, que não é possível uma compreensão sobre a temática, que impacta diretamente a vida, com base em isolamento e personificação de casos. A questão é ampla e atravessa diversos âmbitos sociais e, conseqüentemente, cada um de nós como sujeitos – fabricados e fabricantes – desses contextos. Torna-se fundamental, desse modo, compreender que a formação histórico-brasileira é assentada em bases racistas. E, dizendo o óbvio: a formação do futebol brasileiro não passará ilesa<sup>6</sup>, uma vez que se entremeia nas relações e lógicas que constituem isso que chamamos de “o social”.

## **O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL E AS VÁRIAS REATUALIZAÇÕES EM CAMPO.**

É crucial para a compreensão, destacar que desde o início da colonização no Brasil houve resistência, seja na negativa de trabalho forçado pelos povos originários que pagaram com a morte, seja nos suicídios em alto mar, nas fugas após a chegada ao território brasileiro, nas diversas ações contra os senhores, nas rebeliões e nas formações dos quilombos. Após o período de escravidão outras formas de luta se efetivaram e consolidaram diversas expressões do movimento negro no Brasil. Contudo, houve um apagamento das lutas, da produção cultural e religiosa que também representavam resistência, bem como das produções teóricas. Nesse contexto, as teorias racistas passam também a vigorar no país como sustentáculo das relações já estabelecidas. E a quem interessa pensar que foi diferente no futebol?

Compreendendo, inclusive, o racismo como estruturante das relações capitalistas e das lógicas de poder, bem como que essas formas de organização da sociedade se perpetuam, o futebol manteve, sem muitos vislumbres de alteração, para um “futuro imediato”, as relações racistas até a atualidade. Partindo tanto do racismo institucional<sup>7</sup>, quanto de seus efeitos, e na forma como o homem negro foi essencializado como possuidor nato de habilidades para o esporte dos pés, o futebol acaba atualizando e legitimando a relação direta homem – negro – futebol até os dias de hoje.

Se Carlos Alberto<sup>8</sup> usava pó de arroz e Friedenrich<sup>9</sup> era o último a entrar em

---

6 Tampouco a formação das e dos pesquisadores.

7 O racismo estrutura as relações sociais brasileiras e fundamentam as instituições, porém é comum que visualizemos apenas o racismo individual, pois está presente nos xingamentos/insultos/agressões físicas etc., que se apresentam nas relações interpessoais. No caso do futebol, se evidenciam por ofensas diretas a jogadores e demais profissionais negros envolvidos com o esporte. Os insultos partem tanto de dentro de campo entre a comissão técnica e entre os jogadores, como da torcida.

8 Carlos Alberto jogador titular do Fluminense Futebol Clube da cidade do Rio de Janeiro em 1914, ao jogar contra o time do América também carioca a torcida gritava pó de arroz em alusão o pó utilizado no rosto possivelmente para “disfarçar” a cor.

9 Arthur Friedenrich jogador negro que esteve em atividade entre 1909 e 1935, um dos maiores artilheiros do Brasil, mesmo no auge da carreira foi impedido de compor o selecionado brasileiro que jogou em Buenos Aires contra a seleção da Argentina em 1919.

campo, pois estava alisando o cabelo no vestiário; se, tantos anos depois, Marinho “deve ir para senzala”<sup>10</sup>, nas palavras do comentarista branco, por ter cometido uma falta, é necessário, para não dizer urgente, discutir racismo. Não cabe mais ponderar se ele existe ou não!

Os mil gols de Pelé; os dribles de Garricha; a conquista da Copa de 2018 pela seleção francesa e tantos outros feitos realizados por jogadores negros não foram capazes de trazer a humanização a esses homens, nem mesmo entre as quatro linhas. Se é fato que o jogador negro alça um lugar de *status* frente aos demais, há uma falsa humanidade aí colocada, tanto no sentido dos atributos corporais, quanto na responsabilidade em ganhar a partida. Na falha, essa humanidade é retirada e retorna “o primitivo”. Chamar de macaco representa, de forma dolorosa, mas elucidativa, o retorno ao não humano. Além do mais, o lugar da racionalidade negada é reforçado pelos demais postos de atividade do futebol (inter)ditados aos homens negros que constroem a partida.

A ilusão posta que via ascensão social seria possível um rompimento com a lógica racista, ou, dizendo mais especificamente do futebol, a conquista de um posto (racializado) facilitaria a alteração de comportamento frente a suas ações, porém tal feito não se materializa. A fama e os salários altos não os tiram da condição de menos humanos, reforçada pela reificação de seus corpos e subjetividades numa ideia de peça-produto dos/nas equipes.

A objetificação do corpo, seu controle e sua morte – esta última refere-se aos casos de adolescentes mortos nas categorias de base<sup>11</sup> –, são estabelecidos por aqueles, supostamente sem raça (brancos), que controlam quem se vincula ao lugar racializado e essencializado do futebol como “permitido” e “ideal”: o homem negro.

Essa vinculação reforça, ainda, o corpo negro como aquele direcionado à atividade física e de força. Ao mesmo tempo em que há uma valorização da ginga como atributo “positivo” do negro, essa adjetivação nos aparece mais como

---

10 Crime de racismo ocorrido em 31/07/2020 após a partida entre Santos x Ponte Preta, o comentarista Fabio Benedetti afirmou que devido ao erro do jogador na partida expressou que Marinho deveria ficar de castigo na senzala. [https://www.espn.com.br/futebol/artigo/\\_/id/7231636/apos-comentarista-dizer-marinho-devia-voltar-senzala-atacante-se-revolta-desabafa-instagram](https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/7231636/apos-comentarista-dizer-marinho-devia-voltar-senzala-atacante-se-revolta-desabafa-instagram) acesso em 13/08/22.

11 Athila Paixão, 14 anos, Arthur Vinicius de Barros Silva Freitas, 14 anos, Bernardo Pissetta, 14 anos, Christian Esmério, 15 anos, Gedson Santos, 14 anos, Jorge Eduardo Santos, 15 anos, Pablo Henrique da Silva Matos, 14 anos, Rykelmo de Souza Vianna, 16 anos, Samuel Thomas Rosa, 15 anos, Vitor Isaías, 15 anos, são os 10 adolescentes mortos em 2019 num incêndio ocorrido no Centro de Treinamento do Clube de Regatas Flamengo. Os adolescentes pertenciam às categorias de base do clube e morreram enquanto dormiam em um contêiner. Até a data desta publicação as famílias não foram indenizadas. Laudos comprovam que o Flamengo sabia das condições de instalação e dos riscos de incêndio. Na ocasião os campeonatos não pararam e ironicamente para não dizer perverso no dia da morte as redes sociais foram tomadas pela hashtag **#forçaflamengo**. Denotando o privilégio do clube em detrimento da lógica protetiva à infância e adolescência. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/08/veja-que-sao-as-vitimas-do-incendio-no-ninho-do-urubu-ct-do-flamengo.ghtml> acesso em 13/08/22. Sobre as indenizações, cf.: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/02/08/sem-acordo-familia-de-vitima-do-ninho-prepara-acao-contra-o-flamengo.htm>. acesso em 19/08/22. Quanto aos laudos e inspeções feitas anteriores ao incêndio, cf.: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/09/09/e-mail-revela-que-fla-sabia-de-problemas-eletricos-em-alojamento-do-ninho.htm>.

aprisionamento do que libertador das amarras racistas.

Há uma cisão, portanto, entre indivíduo e atributo, conjugando esses elementos num aprisionamento de inteligibilidade, sem que nada mais possa ser esperado dos sujeitos identificados com aquelas “etiquetas”. E, diante de tudo isso, estacionamos na absurda e suposta reflexão sobre a existência ou não do racismo. Isso é agravado ainda pelas inúmeras tentativas de desconsiderar a evidência que foi forjada ao longo da história e que coloca as pessoas negras numa lógica de subalternidade.

No contexto futebolístico, o argumento acaba passando pelo mesmo ponto de segmentação do corpo e “exaltação” das habilidades de negros e negras, que, numa distorção, tentam direcionar a apreensão da realidade com base na verdade de uma branquitude bem-intencionada.

Pelé não pode ser negro, Carlos Alberto não pode ser negro. Miguel não pode ser negro. Mariele não pode ser negra. Beyoncé não pode ser negra, mas, ao mesmo tempo, tem que sair da sua sala de jantar. Aprendemos a ter medo de Exu. Aprendemos que negros são incapazes de pensar. Aprendemos que negros são bons de sexo, por conta de uma lógica cisfalocêntrica. E aprendemos também que negros não controlam suas emoções. Barbosa foi incapaz de trazer a Copa, pagou um preço caro. Sim, é fato que tenha tomado o gol, como também é fato que após sua “falha”, a conta tenha sido paga por todos os demais negros que sonhavam com a seleção brasileira. Afinal, após a Copa de 1950 somente em 2006 tivemos como primeiro goleiro da seleção brasileira um homem negro.

E aqui ainda nem mencionamos as mulheres negras no contexto futebolístico. Porque ao tentar destrinchar a hierarquia dentro da assimetria social construída com base em raça-cor, o atravessamento de gênero pode tornar a questão ainda mais complexa, principalmente num esporte cuja “função social” se vincula a uma manutenção da cisheteromasculinidade universal (branca).

Quando falamos em mulheres nos esportes, as mulheres negras ou são invisibilizadas – principalmente se os relatos são históricos para ressaltar a luta por inclusão pautada no gênero –, ou são enfocadas numa lógica próxima àquela que coisifica os homens. E, assim, Meliana Luz, Wanda dos Santos, Piedade Coutinho, Aida dos Santos, Soraia André, Irenice Rodrigues, Fofão, Sassá, Érika Cristina, entre outras caem no esquecimento. Tratando mais especificamente do futebol, ainda que grande parte das atletas brasileiras sejam negras, a questão racial parece desaparecer.

Seria inviável seguir nessa discussão sem destacar como gênero e raça se entrelaçam nessa tessitura racista do futebol, porque, para além da reificação peça-produto, que separa corpos e subjetividades, as mulheres negras são segmentadas atendendo, também, a uma dinâmica de hiperssexualização de seus corpos. Se no contexto do futebol praticado por mulheres o descaso é uma realidade, quando

direcionamos nosso olhar para as atletas negras, a necessidade de uma reinvenção da modalidade fica ainda mais evidente. Isso porque o racismo tem efeitos sobre a apreensão dessas jogadoras, que as colocam numa negação da feminilidade (branca), supostamente frágil (branca), designando-as à operacionalização da prática. Além disso, melhores condições de trabalho não precisam ser reivindicadas, já que elas seriam supostamente mais fortes e mais habilidosas.

Quando a escassez de patrocínio se torna pauta, jogadoras negras que são ignoradas. Isso, porque dentro de uma lógica do padrão de beleza que se pauta na branquitude, essas mulheres lidas como corpos, não podem ser vistas com determinados produtos ou marcas. E aí, aprendemos que negra não pode ser bonita, mas pode ser sensual. Isso porque parte da construção da deseabilidade feminina no Brasil passa por uma corporeidade que é considerada atributo das mulheres negras. Designando suas “funções” dentro da sociedade, que não correspondem, sob nenhuma circunstância, a uma possibilidade de agência. E as mulheres negras, assim, passam a não precisar de intelectualidade. Porque o corpo fala por elas. E o assunto sobre a Marta vira, para além da habilidade, referenciada por um homem, o batom<sup>12</sup>! Mas quando não se tem títulos de melhor do mundo, visibilidade internacional (leia no contexto europeu), o que resta? E Pretinha, Michael Jackson, Formiga? Onde estão as mulheres negras nessa história hegemônica e enviesada do futebol?

Quando mencionamos essa diversidade, é uma convocação, uma interpelação do reconhecimento da questão étnico-racial como um atravessamento posto para todas as pessoas, mas de maneira extremamente desigual. Esse desconforto está posto! E nessa lógica, nossa proposta de desaprendizado é um ato político para que falemos sobre questões raciais, sem ignorar alguns pontos:

Esse distanciamento, posto pela assimetria que hierarquiza sujeitos, constrói lógicas de precariedade diferencial e politicamente forjadas.

A experiência é um saber múltiplo. Nesse caso, ela desloca a correlação pronta conhecimento-branquitude, fazendo com que se rompa com um entendimento essencial das pessoas negras, ignorando as suas múltiplas experiências e vivências.

Não é mais possível se isentar de falar sobre o assunto com base em uma justificativa que finge reconhecimento! Nenhum tema pode ser interdito, desde que tratado com responsabilidade. Manter-se na lógica essencial de quem é autorizado a dizer sobre o que, no fim, contribui para o silenciamento e um enfrentamento unilateral em relação ao racismo, já que quem se exime de falar não é quem sofre. Ainda que você não vivencie determinada realidade, é possível falar sobre ela. É

---

12 Jogadora da seleção brasileira durante a Copa do Mundo de futebol feminino foi protagonista da marca Avon. Durante as partidas a jogadora utilizou batom vermelho, após a “polêmica” foi divulgada a campanha do novo batom da marca. O que era símbolo de empoderamento foi mercantilizado.

indispensável, por sua vez, informar o ponto de partida para a construção da argumentação: onde você se localiza na dinâmica social de forma mais ampla? E naquela que procura esmiuçar? Dizer sobre essa posição de sujeito é fundamental se o objetivo é romper com essa lógica de preconceitos e violências, se a prática é antirracista.

As três elementos-posturas supracitados são intimamente relacionados. Construir essa forma de pensar o mundo implica em localizar quem fala e assumir as limitações que permeiam qualquer discussão. Essa proposta tem como efeito a ruptura com uma lógica da essência que ignora a paixão da experiência. (Hooks,2019, pg45)

## **CONCLUSÃO**

Discutir questões raciais no Brasil parece fazer eclodir uma culpa que não serve à política e ao enfrentamento. Além disso, ela não pode ser justificativa para expurgar a responsabilidade sobre a realidade que co-construímos. Assumir como seu olhar é fabricado e os efeitos dessa dinâmica sobre o conhecimento que você produz é parte fundamental do projeto ético-político que procuramos construir. Implica em se repensar, repensar o Outro, repensar a sociedade que construímos cotidianamente.

Em meio a um antirracismo identitário que encontra lugar nas redes sociais para se apresentar ao mundo, muitas vezes correndo o risco de se transformar num antirracismo passivo e inerte ecoado por vozes que não se implicam nessa luta, consideramos também urgente que uma diversidade de vozes construam um campo de estudos cada vez mais forte nesse combate. Precisamos de “times” compostos de sujeitos que reconheçam quem são os protagonistas dessa história, e que não se exime de se envolver na luta. É um esforço de estimular a conversa e os estudos sobre as implicações do racismo no futebol, de maneira mais constante e consistente, bem como de que essa discussão polifônica rompa com a lógica do apagamento das produções teóricas de pessoas negras e se construa de maneira disruptiva em relação à naturalização da academia branca.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Silvio de. *O que é racismo estrutural?*. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARRETO, Lima. *Feiras e Mafuás*. 1ª ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1953.

BERNARDO, Teresinha. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São

Paulo: EDUC: Editora Unesp, 1998.

CARVALHO, Marcelo Medeiros; SILVEIRA, Débora; DEVINCENZI, Diego Speggiorin. [Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2018](#). Porto Alegre: Observatório da Discriminação Racial no Futebol, Museu da UFRGS, 2019. Acesso em: 10/08/2022.

CASTRO, Marcio Sampaio. *Bexiga um bairro afro-italiano*. São Paulo: Editora Annablume, 2008.

CORRÊA, Lúcia Helena. "Racismo no Futebol Brasileiro". In: DIEGUEZ, Gilda Korff (Org.). *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 31-39.

DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, maio/ago., 2003.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEVULSKY TISESCU, Alessandra. *Dilema da luta contra o racismo no Brasil*. Estado, racismo e materialismo. *Margem Esquerda*, v. 1, p. 24-30, 2016.

DOMINGUES, Petrônio. *Protagonismo negro em São Paulo – História e Historiografia*. São Paulo: Edições SESC, 2019.

EURICO, M. C. *A percepção do assistente social acerca do racismo institucional*. São Paulo: Serviço Social e Sociedade, n. 114, abr./jun., 2013.

FLORENZANO, José Paulo. *Futebol e Racismo: O Mito da Democracia Racial em Campo*. Goethe Institute. 2012. Disponível em: <<http://www.goethe.de/ins/br/sap/prj/fus/ges/pt9657066.htm>>. Acesso em: 07/06/22.

FRANCO Jr., Hilário. *A dança dos Deuses*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol, dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandrina, 2002.

GOES, Weber Lopes. *Racismo e eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl*. São Paulo: Liber Ars, 2018.

HOOKS, bell. [Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade](#). São Paulo: Martins Fontes, 2019.

IANNI, Octávio. *A ideia de Brasil Moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

IANNI, Octávio. O preconceito racial no Brasil. *Revista Estudos Avançados*, n. 18, v. 50, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100002)>. Acesso em: 07/06/22.

SIMÕES, Irlan. *Clientes versus Rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas no futebol moderno*. 1º ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

MARX, K; ENGELS F. *A ideologia alemã*. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOURA, Clóvis. "[Escravidão, Colonialismo, Imperialismo e Racismo](#)". Afro-Ásia 14 – 1983. Texto apresentado no 11º Congresso de Cultura Negra das Américas realizado na cidade do Paraná entre os dias 17 e 21 de março de 1980.

\_\_\_\_\_. *A Sociologia do Negro Brasileiro*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

\_\_\_\_\_. *O negro: De bom escravo a mal cidadão*. 2ª ed. São Paulo: Dandara, 2021.

\_\_\_\_\_. *Dialética Radical do Brasil Negro*. 2ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2014.

PINTO, Ricardo. *História, Conceito e Futebol – Racismo e modernidade no futebol fora do eixo (1889 – 1912)*. Curitiba: Appris Editora, 2020 – RJ.

PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). [O futebol nas Ciências Humanas no Brasil](#). Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). *Revista de Estudos Afro-Asiáticos* 17 - CEAA, Universidade Cândido Mendes, 1989.

SILVA, Diana Mendes Machado da. *Futebol de Várzea em São Paulo: A Associação Atlética Anhanguera (1928-1940)*. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2016.

SILVA, Martiniano José. *Racismo a Brasileira: raízes históricas: um novo nível de reflexão sobre a história social do Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

TONINI, Marcel Diego. “Essa é uma realidade”: os racismos vividos e narrados por negros em várias áreas de atuação no futebol brasileiro. In: GIGLIO, Sérgio Settani;

,

,